



ISSN: 1983-8379

Paixão Pagú: Autobiografia e Antropofagia

Lúcia Helena da Silva Joviano¹

RESUMO: O estudo a seguir buscará produzir uma leitura/experiência da textualidade autobiográfica. Pretende-se compreender tal narrativa para além da valoração do ideal de verdade sobre aquele que escreve, e nesse sentido aproximar da noção de escrita de si enquanto processo de (re) elaboração das marcas que engendram devires nos processos de subjetivação. Nessa perspectiva serão usados os conceitos formulados por M. Foucault, G. Deleuze, F. Guattari e S. Rolnik para mapear os escritos de Patrícia Galvão, Pagú.

Palavras-chave: Autobiografia; Escrita de si; Rizoma.

ABSTRACT: The following study will seek to produce a read / experience of autobiographical textuality. Objective is to understand this narrative beyond the valuation ideal of truth about who writes, and in that sense closer to the notion of writing itself as a process of (re) development of the brands that engender becomings in subjective processes. From this perspective will use the concepts formulated by M. Foucault, G. Deleuze, F. Guattari and S. Rolnik to map the writings of Patricia Galvão, Pagu.

Keywords: Autobiography; Writing of self; Rhizome.

Introdução

Onde situar as memórias e as autobiografias? Seria a História o *locus* da verdade sobre o humano singular ou plural? E, à Literatura caberia o ficcional? Lejeune ao realizar estudos sobre as autobiografias produzidas em França deparou-se com uma constatação que corresponde a uma possibilidade de resposta às questões anteriores. Segundo ele, autobiografia e ficção diferem-se apenas “no compromisso do autor com o leitor [na autobiografia] em dizer a verdade sobre si mesmo” (LEJEUNE, 2002, p.22). Compromisso

¹ Doutoranda em *Teorias da Literatura e Representações Culturais* UFJF; Professora da SEE/MG e da SEEDUC/RJ. Bolsista Monitoria/UFJF.



ISSN: 1983-8379

que não invalida esse texto, a meio caminho entre Literatura e História, ser um produto artístico.

Fernandes (2009) localiza em Florença do século XIV a utilização de três gêneros narrativos – a biografia, a autobiografia e a crônica – com características que assinalavam para a escrita histórica tal qual se compreende modernamente, ou seja, esses gêneros “com o intuito de registrar os feitos dos homens ilustres, procuraram interpretar as suas ações e os seus gestos com um profundo senso histórico”. No que diz respeito a autobiografia, Dante Alighieri produzira o modelo seguido por Petrarca, que:

na velhice, narra sua própria vida através de um discurso íntimo que, ao mesmo tempo, busca a elevação e dignidade da ação do homem na história de seu tempo. Ele apresenta sua origem “cidadina e humilde”, as razões políticas pelas quais sua família é expulsa de Florença e se transfere para Arezzo. Reflete sobre a condição material de sua família, e chega mesmo a desprezar a riqueza. (FERNANDES, 2009, p. 27)

Porém, no que diz respeito a uma escrita auto-referencial produzida por pessoas comuns, Gomes (2004) e Alberti (1991) salientam que para essa escrita existir fora necessário a emergência da noção de cidadão moderno, aquele que perante a lei é igual em direitos civis e políticos a todos. Esse indivíduo narra-se criando uma imagem de si, para si e para os outros (leitores) com o intuito que o compreendam em sua verdade íntima revelada pelas letras.

H. David Jackson, ao elaborar uma introdução para a autobiografia de Pagu, que ora chama de ‘relatório’, ora ‘carta-depoimento’ e até mesmo ‘romance’, diz que, no documento, ela “conta as verdades mais insólitas e abre nossos ouvidos...” (Galvão, 2005, p. 150) e reforçando essa posição, na página seguinte diz que Pagu escrevera uma ‘confissão/auto-análise’. Pela argumentação do pesquisador pode-se depreender que o mesmo compreende as narrativas de si como verdades do e sobre o sujeito, e suas sugestões corroboram com a ideia dessa escritura pertencer ao gênero confessional.

Etimologicamente, confessar origina-se do Latim, *confessare* formado sobre *confessus*, cujo sentido era confessar suas culpas, possuindo hoje o também o sentido de

2

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

declarar, revelar, reconhecer, logo se pode verificar que a escrita cujo gênero se adjetiva por confessional pretende versar sobre fatos verídicos, que ocorreram com quem narra, estabelecendo uma relação de confiança entre escritor e leitor.²

Afastando-se de preceitos religiosos, também pode-se entender que a noção de relação indivíduo/verdade no ato auto-descritivo vincula-se com a concepção moderna/iluminista no qual o sujeito é concebido como *lócus* transcendente da razão e, portanto produtor de conhecimento, mantendo-se fiel ao papel a ele estabelecido nessa sociedade.

Porém, este artigo partirá da compreensão de que qualquer narrativa seja ela descritora do mundo do eu, ou do mundo ao entorno, estabelece-se como um olhar vinculado a uma subjetividade processual, e, dessa forma, não se constitui em uma imagem fixa, em uma verdade absoluta e universal. Nessa trilha, o estudo caminhará no sentido de compreender a autobiografia como uma escrita de si, resultante de um momento da rede complexa de conexões, de intensidades e forças que perpassam o movimento constante de subjetivação.

1 - Subjetividades, verdade e cultura de si:

O ideal civilizatório do ocidente construiu uma visão do sujeito como algo estável, coerente, único, em que conhecer a si mesmo era buscar sua essência, o seu verdadeiro ser e então, a partir daí cuidar de si. O sujeito moderno, centrado em si, é aquele produto e produtor de verdade. Porém, essa forma de perceber a existência não era a única, uma vez que o sujeito produzido pela Antiguidade Clássica constituía-se em um sujeito ético.

Foi essa a guinada na obra de Foucault a partir de 1980, pois seus estudos levaram-no a compreender e dar um novo tom aos estudos das subjetividades. Inicialmente sua visão de sujeito o levava a crer que esse, era um efeito positivo, mas passivo de relações de

² Etimologia de Confessional retirada de CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.205.



ISSN: 1983-8379

poder/saber. Porém, deparou-se com a presença na Antiguidade Clássica de técnicas do eu, que revelaram novas possibilidades de subjetivação, identificando a noção de sujeito, não somente na modernidade, mas como produto constituído na imanência da história. (GROS, 2006, p.618, 637-639)

Gros (2006) esclarece em relação a essa nova percepção produzida por Foucault, que:

o que constitui o sujeito numa relação consigo determinada são justamente técnicas de si historicamente referenciáveis, que se compõem com técnicas de dominação, também elas historicamente datáveis. De resto, o indivíduo-sujeito emerge tão-somente no cruzamento entre uma técnica de dominação e uma técnica de si. Ele é a dobra dos processos de subjetivação sobre os procedimentos de sujeição, segundo duplicações, ao sabor da história, que mais ou menos se recobrem. (p. 637)

Esse novo processo de subjetivação é pensado não mais como resultado de técnicas de dominação ou técnicas de discurso, mas por técnicas de si, entendidas como:

procedimentos que sem dúvida existem em toda civilização, propostos ou prescritos ao indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isto graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (FOUCAULT, 2006, p. 620)

O conceito de técnicas de si traz para o entendimento da questão do sujeito, a dimensão da historicidade, fazendo com isso, que o foco sobre a questão da subjetivação se altere, ao passar a dimensioná-la como processo temporal e multiforme. Tais perspectivas são resultantes de seus estudos em busca de novas compreensões sobre as relações históricas entre subjetividade e verdade. (FOUCAULT, 1985; 2006)

Nessa busca verificou que nos séculos I e II da Antiguidade helenística e romana, passou a constar da preocupação dos filósofos (desde Sócrates chegando até os epicuristas, estoícos e cínicos) o tema do cuidado de si (*epiméleia heautô*). Esse cuidado estaria ligado ao surgimento em textos filosóficos, de uma certa austeridade imposta às práticas sexuais ou uma “inquietação face aos prazeres sexuais” (FOUCAULT, 1985, p. 45)

4

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

No mundo grego e romano o cuidado de si passou a ser encarado como princípio de uma conduta embasada por uma racionalidade moral resultando em um “fenômeno cultural de conjunto” (FOUCAULT, 2006, p. 13). Segundo Foucault (1985) é o aparecimento do incentivo a práticas de si que faz com que o indivíduo se constitua enquanto sujeito de seus atos, por meio dessa relação consigo específica.

O tema da cultura de si aparece inicialmente atrelado ao princípio delfico do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*) e nesse momento Sócrates era considerado aquele que tinha por função fazer com que os indivíduos se preocupassem e cuidassem de si. (FOUCAULT, 2006, p. 07) O retorno e a valorização da cultura de si pelos filósofos dos séculos I e II fazem com que tal preceito apareça como uma verdadeira técnica de vida ou “*arte da existência*” ampliando seu significado e seu alcance. A cultura de si passa a ser compreendida como preceito, atitude, comportamentos e formas de viver que se constituíam em práticas sociais que envolviam a produção de um conhecimento e ou saber. (FOUCAULT, 1985, p. 50)

No contexto da cultura de si, o sujeito deveria ser aquele que se coloca à prova, se examina e se controla para que seja soberano sobre si mesmo. A cultura de si é “uma resposta original sob forma de uma nova estilística da existência.” (FOUCAULT, p.77) que implica “uma atitude – para consigo, para com outros, para com o mundo” ; [...] uma “certa forma de atenção, de olhar “, ou seja de fora para dentro de si; designa também ações, práticas, exercícios, técnicas como: “de meditação; as de memorização do passado; as de exame de consciência; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito, etc.” (FOUCAULT, 2006. p. 15)

Foucault (2006) em sua ‘hermenêutica do sujeito’, aponta que a História da filosofia ocidental fundou as relações entre sujeito e verdade, tendo como base o “conhece-te a ti mesmo” e de certa forma abandonou o princípio a esse atrelado do “cuidado de si”. As determinantes anti-cuidado de si no mundo moderno dizem respeito à visão desse preceito como algo que soa como egoísmo e ou uma volta para si em detrimento de questões coletivas,



ISSN: 1983-8379

nacionais e classistas. Foi no que Foucault chamou de “momento cartesiano” que se procedeu a intensificação da ideia do *gnôthi seautón* e se desqualificou o *epiméleia heautô*.

O motivo da desativação do cuidado de si encontra-se ligado à relação que cada momento tem com o estabelecimento das formas pelas quais o sujeito chega à verdade. Nesse sentido, a modernidade produz uma forma peculiar de o sujeito conhecer que a difere da Antiguidade, pois o sujeito centrado em si moderno não tem que investir-se de cuidados consigo mesmo para apreender o real, basta-lhe se conhecer, ter a consciência de si. Assim, procede que:

para Sócrates e Platão: *epiméleia heautô* (cuidado de si) designa precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade.[...] a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele. Isto é, no momento em que o filósofo [...], sem mais nada lhe seja solicitado, sem que seu ser de sujeito deva ser modificado ou alterado, é capaz, em si mesmo e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso. (FOUCAULT, p. 21-22)

A concepção de sujeito, tal qual traçada pelo ocidente, identifica-se com a ideia de controle: na Antiguidade Clássica era o ideal de Bem que circundava o cidadão, mas a constituição do sujeito ético estava ligada à produção de uma estética de sua existência por meio de uma escolha própria; já na modernidade o sujeito da verdade é aquele governado pela razão. Ser sujeito então, é ser alvo de alguma forma de gerenciamento que pode ser interno ou externo, tornando-se, por essa via, a noção de sujeito agente de uma ação, algo que não existe. Nesse sentido, o significado dado por essa concepção, denota a morte do sujeito.

Essa morte do sujeito, para Foucault não expressa o fim da vida e nem da ação humana, mas o fim de uma concepção que se estabeleceu como uma verdade absoluta e irrefutável, mas que não passou de uma falácia que tanto atormentou e atormenta os viventes, pois estabeleceu como figura existencial uma imagem do ser unívoca, coerente, guiada pela razão, que possui a capacidade de submeter os desejos e as paixões. Esse foi o único caminho



ISSN: 1983-8379

dado àqueles que desejavam ser parte constituinte da sociedade moderna. Fora dessa possibilidade, para esse modelo, há a loucura, marginalização, exclusão.

O estudo e a compreensão de outra forma de subjetivação, para além daquela produzida pela sociedade capitalista, traz para Foucault, “uma ideia nova do sujeito distante das constituições transcendentais e das funções morais.” (GROS, 2006, p.639) E traz também a proposição da constituição de uma nova filosofia que não mais, esteja comprometida em criar receitas de sujeito/saber/verdade, mas, ao contrário, aberta a novas possibilidades, a produção de uma ‘existência como obra de arte’.

2 - Escrita de si e o universo dos gêneros confessionais

A prática de uma escrita de si não é algo novo no Ocidente, nem uma invenção da Modernidade. Michel Foucault (2006), em sua análise da cultura de si praticada na Antiguidade, depara-se com a ideia de que, para preparar um homem virtuoso para o porvir a ser enfrentado durante toda a sua vida, eram necessários discursos verdadeiros e racionais. Como método de apropriação desses discursos encontrou três apontamentos, dentre os filósofos estudados por ele: a importância da escuta, da escrita e dos retornos sobre si, ou seja, uma memorização do aprendido. Havia, então, presente no modo de subjetivação antigo/clássico a ideia e a prática de uma escrita de si:

Havia naquela época uma cultura do que poderíamos chamar escrita pessoal: tomar notas sobre as leituras, as conversas, as reflexões que ouvimos ou que fazemos com nós mesmos; conservar cadernos de apontamentos sobre assuntos importantes (que os gregos chamavam *hypomnēmata*) a serem relidos de tempos em tempos para reatualizar o que continham. (p. 607)

Essa escrita de si era entendida, como forma de organizar um conjunto de dados sobre a leitura produzida pelo indivíduo, a respeito de seu entorno, para ser usada em um momento de necessidade. Além disso, tinha como objetivo também estabelecer uma coerência interna

7

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

no indivíduo, pois as ideias fragmentadas recolhidas a partir dessa escrita deveriam ganhar sentido e coesão, por meio de uma reelaboração pessoal: “tratava-se de constituir a si mesmo como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido” (FOUCAULT apud GROS, 2006, p. 640)

Tradicionalmente, os textos produzidos no universo da escrita de si não são agrupados sem nenhuma distinção, pois apesar de guardarem como semelhança a utilização da primeira pessoa, possuem algumas especificidades. Nesse sentido, Maciel, (2007) elaborou um significativo dicionário de termos utilizados pela literatura confessional, no qual tenta estabelecer as diferenças entre as composições desse gênero.

Para a autora, um texto autobiográfico é:

Um relato retrospectivo em prosa que um indivíduo com vida extratextual comprovada faz de sua própria existência, enfatizando sua vida pessoal e sua personalidade. Nesse tipo de relato, o conteúdo do texto se remete a uma realidade que existiu fora do texto. O discurso autobiográfico, no entanto, como qualquer discurso, não tem o poder de trazer para o interior do texto toda a complexidade da existência do ser humano. (MACIEL, 2007, p. 08-09)

O que podemos observar é que o relato autobiográfico refere-se a questões de ordem íntima de seu escritor, que em um dado momento resolve trazê-las à tona por meio de uma elaboração textual. Essa narrativa difere-se das memórias, pois essas “são uma busca de recordações com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve.” (MACIEL, 2007, p. 9)

A narrativa memorialística, muito próxima à narrativa histórica, busca por meio da “guarda” efetivada pelo relato por elas produzido, evitar o esquecimento sobre determinados fatos. Porém, se “as memórias são uma volta ao passado, os diários são uma tentativa de guardar o presente.” (MACIEL, 2007, p. 9)

No que diz respeito à relação de diferença entre diários e autobiografias, essa pode ser descrita como temporal, pois apesar de ambas produzirem um relato retrospectivo, o diarista o faz estando muito próximo ao momento narrado – no próprio dia – já no caso da autobiografia

8

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

esse relato é produzido efetivamente em um espaço temporal posterior no qual o escritor já não consegue em alguns casos, nem mesmo mensurar as datas dos acontecimentos, que se dispõe a narrar.

Influenciada pelo pensamento de Lejeune, Maciel define o diário:

trata-se de um relato fracionado, escrito retrospectivamente, mas com um curto espectro de tempo entre o acontecido e o registro, em que um “eu” com vida extratextual comprovada ou não, anota periodicamente, com o amparo das datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos fatos. (p.11)

A escrita em formato de diário tem como característica primordial a presença do cotidiano, marcado não só pelo fato do conteúdo narrado centrar-se no vivido, como também por sua organização em datas, apresentadas em ordem sucessiva. Tal escrita acaba por estabelecer uma linearidade e continuidade a eventos muitas vezes díspares. E, assim uma escrita de si, seja ela autobiografia, memória ou diário se produzida tendo como escopo um texto cronologicamente linear e teleológico cria uma imagem de controle e organização que não pertence à vida. Dessa forma, no papel, a existência pode ser fixada.

A partir de tais ideias, pode-se inferir que, a escrita de si inserida no campo da narrativa autobiográfica, constitui-se em uma estratégia de cuidado de si, atualizada, no sentido de poder ser um mecanismo propiciador de unidade interna, para subjetividades atormentadas pela moderna pergunta “quem sou?” para qual a resposta esperada é um ser coerente e unificado em torno de uma essência.

Há, porém, escritas que estão no lugar do inclassificado, são rizomáticas, elaboradas em platôs e por isso dialogam com uma ideia de vida como movimento, permeada por interconexões, em que se consideram os devires, os agenciamentos e os fluxos em jogo em um processo de subjetivação. (DELEUZE, GUATTARI, 1995) Esse parece ser o caso de Patrícia Galvão, sua vida como sua escrita não se ajustam a análises modelares, no entanto a partir dos contornos de sua auto-narrativa pode-se produzir uma cartografia. “Numa



ISSN: 1983-8379

cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo.” (DELEUZE, 1992, p. 48)

Em sua escrita “são as marcas que escrevem” (ROLNIK, 1993, p.246) a elaboração textual presente em sua auto-narrativa corporificada em traços apresenta suas marcas, ou “os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmo e nos torna outro.”(ROLNIK, 1993, p.244)

Por essa trilha, a escrita de si, entendida como mecanismo de um cuidado de si, não é vista como aquela que deixa transparecer uma verdade, ou toda a verdade sobre quem escreve, mas como uma textualidade permeada por traços, desvios em que se pode olhar para uma silhueta produzida por marcas, colocadas em movimento por devires no processo de subjetivação de quem escreve.

3 - Paixão Pagu, um ‘livro rizoma’

Em meio ao início de sua narrativa retrospectiva, no qual estabelece sua diferente percepção de mundo por não compartilhar dos conceitos estabelecidos, Pagu interrompe seu relato, e passa a dialogar a respeito da escritura que estava empreendendo: “Talvez eu tenha a expressão confusa. Há uma intoxicação de vida. Parece que a paralisia começa desta vez. É difícil procurar termos para expor o resultado da sondagem. É muito difícil levar as palavras usadas lá dentro de mim.” (GALVÃO, 2005, p. 52)

Como pode uma mulher produzir uma escrita de si e para si no interior de uma língua cuja gramática manifesta-se preponderantemente masculina? Tal realização, para Deleuze (1998), só é possível para quem tem um estilo, para quem traça uma linha de fuga no interior de sua própria língua, produzindo agenciamentos de enunciação. Só elaborando saídas estratégicas, inventando novas intensidades, escapando da tentação de produzir um rosto, que a escrita/vida ganha estilo e charme:



ISSN: 1983-8379

A vida não é sua história; aqueles que não têm charme não tem vida, são como mortos. Só que o charme não é de modo algum a pessoa. É o que faz apreender as pessoas como combinações e chances únicas que determinada combinação tenha sido feita. É um lance de dados necessariamente vencedor, pois afirma suficientemente o acaso, ao invés de recortar, de tornar provável ou de mutilar o acaso. Por isso, através de cada combinação frágil é uma potência de vida que se afirma, com uma força, uma obstinação, uma perseverança impar no ser. (DELEUZE, 1998. p.13)

A escrita de si feminina esbarra em complexidades: a primeira, já dita, é a necessidade de produzir uma verdade, uma rotilidade; a segunda, elaborar isso dentro de uma língua que não a reconhece. Para vencer tal desafio, só a elaboração de uma ética e estética comprometida com a invenção de novas possibilidades de vida e de escrita, uma ‘literatura menor’ que “não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior”. (DELEUZE, GUATTARI, 2002, p. 38)

Em Paixão Pagu (2005) pode-se perceber a elaboração de uma literatura menor, pois há uma elaboração textual motivada pela escrita com vida, em que se narra um modo de existência, um estilo de vida que trasborda a noção de “existência não como sujeito, mas como obra de arte” (DELEUZE, 1992, p.120) é um corpo que sente, não uma massa que ocupa um espaço, mas uma subjetividade em processo interconectada a vários campos de forças que lhe colocam em movimento: “Seria melhor que tudo fosse deglutido e jogado fora.” (GALVÃO, 2005, p.51) Nessa literatura, o narrado manifesta-se como o ingerido potencializado somente a partir das forças que lhe produziram ressonância, que foram elaboradas pelas marcas.

Pagu, ao decidir inscrever-se, não prometeu a verdade, mas desejava dividir com o marido sensações: “Não estou escrevendo autobiografia para ser publicada ou aproveitada. Isso é para você ter um pouco mais de mim mesma, das sensações e emoções que experimentei.” (GALVÃO, 2005, p. 99-100). É um corpo que vibra à medida que se deixa envolver pelas forças do entorno que lhe provocam ressonâncias.

O texto segue trilhas e desvios para múltiplas orientações, a sexualidade, a maternidade, o casamento, a militância, as concepções políticas e literárias, os intelectuais, as

11

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

viagens, as prisões, sem em nenhum momento estabelecer parâmetros e guias, há apenas a fluidez de linhas de forças que ora atravessavam o texto. Um corpo, uma pessoa manifesta em posições de sujeitos diferentes interconecta a uma rede complexa de implicações e significações estabelecidas em multiplicidades de situações, daí na escrita:

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser construída; escrever a $n-1$. Um tal sistema que poderia ser chamado de rizoma. (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p.14-15)

Em um sistema compreendido como rizoma abdica-se da pretensão de inscrever-se no uno, produzindo uma narrativa linear e teleológica, ao contrário disso não segue modelos, não compõe uma rotilidade, segue por linha de fuga, apenas guiando-se por fluxos de intensidades: “Pensei em estabelecer uma ordem cronológica para facilitar a expressão. Ainda assim é difícil. Nem sempre posso localizar o fato dentro do tempo.” (GALVÃO, 2005, p.64) O tempo utilizado na escrita de Pagu, diferente da cronologia tradicionalmente linear, procede por fluxos a-paralelos de sensações. Assim ela, brinca com a temporalidade ao narrar, volta ao passado, dele dialoga com o presente e retorna a ele, não necessariamente ao mesmo assunto que relatava antes: “Mas o hoje será para depois, porque agora é o antes. Estou passeando pela vida que passou: volto para ela.” (GALVÃO, 2005, p.69)

Pagu via o mundo e vivia a partir de novas combinações articuláveis e interconectadas e para narrar-se rasurou com os gêneros habituais de escrita da vida para produzir uma escrita com vida. Assim, inicia sua narrativa fazendo-a parecer uma carta, depois desloca-se para a forma de diário, no qual a data que aparece é a do seu presente. E, ainda, abandona as datações e segue sua retrospectiva, às vezes, utilizando-se como recurso o discurso direto, parecendo querer explicitar as falas dos envolvidos em seu texto/vida.

Uma escrita de si que rompe e rasura com a noção de verdade sobre o sujeito, com a noção habitual de tempo e também com as subdivisões no interior do gênero narrativo a que

12

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

deveria vincular-se, fazendo valer as multiplicidades, pode ser aproximado conceitualmente do rizoma, pois elabora uma escrita em platôs. Nela:

[...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] Um rizoma é feito de platôs[...] Chamamos de “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma. [...]

[...] Não se tem mais uma tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade, o autor. Mas um agenciamento põe em conexão certas multiplicidades tomadas em cada uma dessas ordens, de tal maneira que um livro não tem continuação no livro seguinte, nem seu objeto no mundo nem seu sujeito em um ou em vários autores. Resumindo, parecemos que a escrita nunca se fará suficientemente em nome de um fora. O fora não tem imagem, nem significação, nem subjetividade. O livro, agenciamento com o fora contra o livro-imagem do mundo. Um livro rizoma, e não mais dicotômico, pivotante ou fasciculado. (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p. 32-33-34)

Em um livro rizoma, a escrita de si não deixa vazar verdades, uma imagem mimética de alguém, mas desnuda as marcas que colocam em movimento os devires no processo de subjetivação “O que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma emprestado ou que ela cria.” (DELEUZE, 1992 p.47) Cabe, tão somente, ao crítico[a] ou a[o] leitor[a] conectar-se a essas linhas deixando-se atravessar por suas intensidades que encontraram ressonância.

É um trabalho difícil ler a partir de parâmetros rígidos tanto a vida quanto a escrita principalmente quando o que buscar for a verdade do conteúdo. Verdade é diferente de verificável, assim uma imagem/conceito que se pode aproximar do texto autobiográfico é o fractal. Esse tem a propriedade da autossimilaridade, ou seja, cada parte é semelhante exata ou aproximadamente ao seu todo, porém esse todo, diferentemente da epistemologia clássica, não possui um fim, mas tende ao infinito. Não há limites rígidos entre as partes e as mesmas são permeáveis mantendo constante intercâmbio entre si.



ISSN: 1983-8379

O conceito de fractal fora desenvolvido por Benoit Mandelbrot em 1975 e pretendia possibilitar o estudo das imagens que não eram lidas pela geometria euclidiana clássica e logo torna-se a expressividade compatível com as teorias do caos e da complexidade.³

Dessa forma, ao estabelecer relações entre o texto autobiográfico, o conceito de fractal e de rizoma, pretende-se agenciar o entendimento do narrado a partir de teorias de sistemas abertos, como pensados por Deleuze (1992), empurrando para além da verdade sobre alguém, o diálogo que se pode promover com esse tipo de texto. Nesse mesmo sentido, o mapeamento elaborado a partir da leitura desse tipo de texto, apresenta uma imagem de uma parte, autossimilar, de alguém que tem seu todo aberto ao infinito de possibilidades e combinações.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: editora 34, 1992.

_____; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

_____, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: editora 34, vol.1, 1995.

³ Informações sobre a geometria fractal podem ser encontradas em: www.teoriadacomplexidade.com.br/fractais.htm



ISSN: 1983-8379

FERNANDES, C. da Silva. Biografia, autobiografia e crônica na Florença do século XIV. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, número 03, 2009, p.23-33.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed., 2006.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. Disponível em: <<http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2008

LEJEUNE, Philippe. Entrevista concedida a Jovita Maria G. Noronha. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesti/files/2009/12/Entrevista-com1.pdf>

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC/SP, nº02, p.241-251, 1993.